

Goma Oficina: horizontalidade, troca e aprendizagem contínua

Vitor Pena

Arquiteto pela Escola da Cidade, São Paulo (2012)
Contato: vitor@gomaoficina.com.br

Maria Cau Levy

Arquiteta pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo (2013)
Contato: cau@gomaoficina.com.br

[...] o processo de vida é criador. Somos todos criadores.”(THOMAZ: 2012)

[...] a atual procura de novas saídas educacionais deve virar procura de seu inverso institucional: a teia educacional que aumenta a oportunidade de cada um de transformar todo instante de sua vida num instante de aprendizado, de participação, de cuidado.” (ILLICH: 1985, p.14)



Equipe Goma Oficina. Divulgação Goma Oficina.

A definição de um modelo de funcionamento é uma tarefa árdua para um escritório que já se reorganizou algumas vezes desde seu início há 6 anos. Na busca por essa definição, deparou-se com uma certeza: o modo orgânico com que se estrutura – em função

da rede quem, quando, por que e para que – não é uma ameaça à existência da Goma Oficina, e sim a razão pela qual o escritório/empresa/parceria/coletivo/grupo de estudos/oficina constrói suas possibilidades de atuação. Uma atuação guiada pela criatividade, pelo desejo, pelo interesse, pela troca horizontal entre os parceiros, pela construção de novos conhecimentos e possibilidade de aplicação destes na prática profissional.

A Goma Oficina é um grupo de arquitetos e artistas associados que mantém uma oficina e um escritório em dois endereços contíguos na rua Dr. Carvalho de Mendonça no bairro Campos Elíseos. Desde o início da formação do grupo, a prática e a experimentação norteiam seu processo projetual.

A integração de linguagens favorece a versatilidade na prestação de serviços e na pesquisa. As trocas de conhecimento que se dão na rede de colaboradores são fundamentais para a fermentação de novas ideias e para a construção e integração de novos saberes que sustentam uma prática crítica e reflexiva, num processo de aprendizagem contínua.

A busca pela inovação no design, nos processos e produtos relacionados à arquitetura dentro da

plataforma vem associada ao desejo de democratização do acesso à tecnologia e ao atendimento das necessidades humanas, no desenho das relações sociais e territoriais.

O arquiteto, com sua formação aberta a diferentes campos do conhecimento – generalista como acreditava João Figueira Lima “Lelé” –, carrega consigo uma prática que lhe dá identidade: o projetar, que, por sua natureza multidisciplinar, possibilita a combinação dos mais diversos caminhos e escolhas.

A Goma Oficina vivencia esse processo a partir do interesse de cada um e das experiências advindas de acertos e erros: o fazer 1:1, a prototipação, o canteiro e a liberdade para o experimento, que são ao mesmo tempo princípios de trabalho e ferramentas de formação.



Galpão Goma Oficina. Foto: Lauro Rocha.

Caso 1: Sistema Ó

“[...] errar depressa e aprender, sem parar”
(BLANK, 2013)

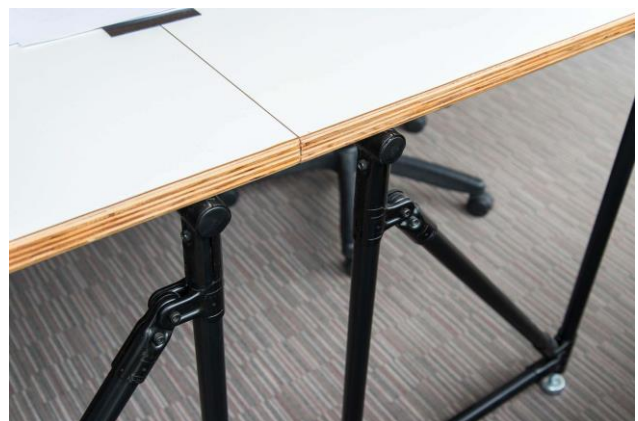
Uma das frentes de pesquisa e experimentação da Goma Oficina é o Sistema Ó, envolvendo processo simples de produção e montagem, que abrange diferentes escalas, do objeto à construção do espaço. Desenvolvido a partir da apropriação da tecnologia

que consiste em tubos e conexões desenvolvidos para a linha de montagem da Toyota, associada a outras técnicas – como marcenaria convencional –, o Sistema Ó pode ser aplicado no âmbito residencial, comercial, cultural para a construção de cenários, montagens expográficas, divisórias, bancadas de trabalho, prateleiras, poltronas, mesas, entre outros.

Desde o primeiro contato com essa tecnologia, durante uma pesquisa para o Prêmio do MCB em 2013, a Goma vislumbrou nesse sistema uma potencial ferramenta para a arquitetura. A facilidade de manuseio e a simplicidade da metodologia de montagem permitem que qualquer pessoa possa criar, construir, testar e aprimorar. Por meio da experimentação criou-se repertório – protótipos e produtos que puderam ser executados na pequena oficina do grupo.



Poltrona P01 2016, Vitor Pena. Foto: Lauro Rocha.



Estação de trabalho para escritório, 2014. Foto: Lauro Rocha.



Mesa e espaço de trabalho Goma Oficina. Foto: Lauro Rocha.



Exposição “O que caminha ao Lado”, Goma Oficina, 2015.
Foto: Lauro Rocha.

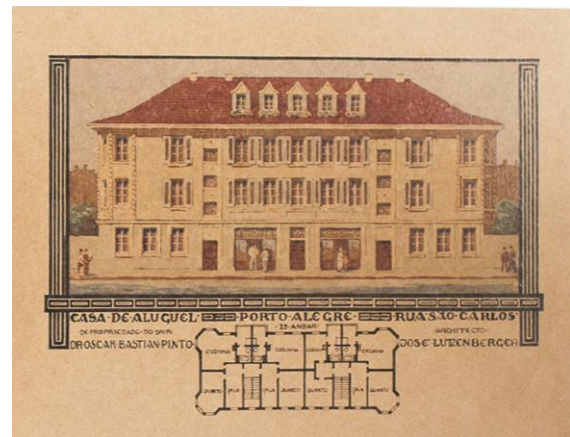
Caso 2: Vila Flores

“Nenhum aperfeiçoamento orgânico é possível sem uma reorganização dos seus processos, funções e propósitos.”
(MUNFORD: 1998, p.610)

O projeto para o conjunto arquitetônico no bairro Floresta em Porto Alegre, hoje nomeado Vila Flores, chegou para a Goma Oficina em 2011. O conjunto datado de 1928, destinado à habitação operária e projeto do arquiteto Lutzenberger, localizado na antiga região industrial na várzea do Rio Guaíba, encontrava-se em más condições de conservação. A demanda foi a de um estudo que

ajudasse a definir o destino do terreno e do conjunto de edificações. Além do projeto arquitetônico, seria necessário desenvolver uma estratégia para viabilizar a reforma.

O anteprojeto visava melhorias no âmbito da circulação, da infraestrutura hidráulica, elétrica e lógica para abrigar um leque de possibilidades programáticas. Em todos os estudos, o pátio interno se mostrava uma grande potência, fruto da espacialidade preexistente, de caráter comum e de continuidade da rua; um lugar de encontro e troca.



Vila Flores, Lutzenberger, 1938. Acervo Goma Oficina.



Vila Flores, anteprojeto, 2012. Acervo Goma Oficina.

Um percurso mais longo de transformação trouxe maiores benefícios tanto para o patrimônio material quanto imaterial. Com eco na comunidade do entorno foi criada a Associação Cultural Vila Flores. Outras iniciativas como Matehackers, Mulheres em Construção, Armazém Sonoro, Escola Convexo,

grupo Geração Urbana da FAU-PUCRS, entre outros, garantem a diversidade de usos e uma programação cultural. Obras para reforma do conjunto estão sendo realizadas em etapas desde 2012, trabalho que corre paralelo com as demandas dos usuários e residentes.

Hoje, entende-se a experiência do Vila Flores como um projeto ainda em maturação, fruto de uma vivência diária. O projeto arquitetônico, neste caso, não enrijece o programa, pois está em constante transformação, num modelo horizontal: demanda - uso - projeto - gestão.



Vila Flores, Simultaneidades, 2014. Foto: Lauro Rocha.



Vila Flores, 2016. Foto: Maria Cau Levy.



Vila Flores, pátio interno. Foto: Lauro Rocha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Ana Thomaz e a desescolarização. 2012. Entrevista concedida ao Programa Famílias Educadoras.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tNYgHDkpxcg>

BLANK, Steve. Por que o movimento *lean startup* muda tudo. 2013. Disponível em:

<http://hbrbr.com.br/por-que-o-movimento-lean-startup-muda-tudo>.

ILLICH, Ivan. A sociedade sem escolas. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história – suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1961-1998.